

O delírio de Dawkins

Texto em português · [Ler no site](#)

Resumo

From *Contending with Christianity's Critics*, pp. 2-5. Ed. Paul Copan and Wm. L. Craig. Nashville, Tenn.: Broadman and Holman. Used by permission. Originalmente publicado como: “**Dawkins' Delusion**”, in *Contending with Christianity's Critics*, org. Paul Copan e Wm. L. Craig. Nashville: Broadman and Holman, pp. 2-5. Texto reproduzido na íntegra com autorização em: [/dawkins-delusion](#).

Richard Dawkins surgiu como o *enfant terrible* do movimento conhecido como Neoateísmo (ou Novo Ateísmo). Seu livro campeão de vendas, *The God Delusion*, [1] tem-se tornado a principal peça literária desse movimento. Nele, Dawkins almeja mostrar que a crença em Deus é um delírio, quer dizer, “crença ou impressão falsas”, ou, pior, “crença falsa e persistente sustentada mesmo diante de evidências fortes que a contradigam”. [2] Nas páginas 157-158 de seu livro, Dawkins resume o que ele chama de “o argumento central do meu livro”. Preste bem atenção. Se esse argumento fracassar, o núcleo do livro de Dawkins será vazio. E, de fato, o argumento é embaraçosamente fraco.

É como segue:

1. Um dos maiores desafios para o intelecto humano tem sido explicar o surgimento da aparência complexa e improvável de projeto no universo.
2. A tentação natural é atribuir a aparência de projeto a um projeto real.
3. A tentação é falsa, pois a hipótese do projetista levanta imediatamente o problema maior acerca de quem projetou o projetista.
4. A explicação mais engenhosa e poderosa é a evolução darwiniana, mediante a seleção natural.
5. Não temos uma explicação equivalente para a física.
6. Não devemos perder a esperança de que surja na física uma explicação melhor, algo tão poderoso quanto o darwinismo é para a biologia.

Portanto, Deus, quase com certeza, não existe.

Esse argumento fere os ouvidos, pois a conclusão ateuista — “Portanto, Deus, quase com certeza, não existe” — parece vir subitamente de onde não se espera. Não é preciso ser filósofo para ver que a conclusão não decorre simplesmente das seis declarações precedentes.

De fato, se considerarmos essas seis declarações como as premissas de um argumento que pretenda levar à conclusão “Portanto, Deus, quase com certeza, não existe”, então o argumento é patentemente inválido. Nenhuma regra lógica de inferência permitiria chegar a tal conclusão a partir de seis premissas.

Uma interpretação mais caridosa seria considerar as seis declarações não como premissas, mas como expressões resumidas dos seis passos do argumento cumulativo de Dawkins, pelo qual ele chega à conclusão de que Deus não existe. Mas, mesmo considerando essa explicação benevolente, a conclusão —

“Portanto, Deus, quase com certeza, não existe” — simplesmente não decorre desses seis passos, ainda que concedamos que cada um deles seja verdadeiro e justificado. O único delírio demonstrado aqui é a convicção de Dawkins de que isso é “um argumento seriíssimo contra a existência de Deus”. [3]

Então, a que conclusão se chega pelos seis passos do argumento de Dawkins? No máximo, tudo o que se conclui é que não deveríamos inferir a existência de Deus com base na aparência de um universo projetado. Mas tal conclusão é bastante compatível com a existência de Deus e até mesmo com a crença justificável na existência de Deus. Poderíamos acreditar em Deus com base no argumento cosmológico, no argumento ontológico ou no argumento moral. Pode ser que a nossa crença em Deus não tenha por base nenhum tipo de argumento, mas fundamenta-se na experiência religiosa ou na revelação divina. Talvez Deus queira que creiamos nele simplesmente pela fé. O fato é que rejeitar os argumentos de projeto a favor da existência de Deus em nada coopera para provar que Deus não existe, nem mesmo que crer em Deus seja injustificável. De fato, muitos teólogos cristãos rejeitam os argumentos a favor da existência de Deus sem com isso se comprometer com o ateísmo.

Portanto, o argumento de Dawkins a favor do ateísmo é um fracasso, mesmo se admitirmos, para efeito de argumento, todos os seus passos. Na verdade, vários desses passos são plausivelmente falsos em qualquer situação. Tome-se apenas o passo (3) como exemplo. No caso, a alegação de Dawkins é que não se justifica a inferência de um projeto como a melhor explicação para a ordem complexa do universo porque surge, assim, um novo problema: quem projetou o projetista?

Essa objeção é falha em, pelo menos, dois aspectos.

Primeiro, para reconhecer uma explicação como a melhor, não é necessário haver uma explicação para a explicação. Esse é um ponto elementar acerca da inferência para a melhor explicação, segundo a prática da filosofia e da ciência. Se alguns arqueólogos, ao escavarem a terra, descobrissem coisas como pontas de flechas, cabeças de machadinhas e cacos de cerâmica, estariam justificados ao inferir que esses artefatos não são o resultado casual de sedimentação e metamorfose, mas produtos de algum grupo desconhecido de pessoas, mesmo que não tenham explicação para quem são essas pessoas ou de onde esse grupo procedeu. De modo similar, se alguns astronautas encontrassem um amontoado de mecanismos no lado oculto da lua, estariam justificados ao inferir que tais coisas eram produto de agentes extraterrestres inteligentes, mesmo que não tivessem a mínima ideia sobre quem seriam esses agentes extraterrestres nem sobre como eles tinham chegado lá.

Para uma explicação ser reconhecida como a melhor, não precisa ser capaz de explicar a explicação. Na verdade, exigir isso levaria a uma regressão infinita de explicações, de sorte que nada poderia ser explicado, e a ciência seria destruída. Assim, no caso presente, para reconhecer que um projeto inteligente é a melhor explicação para a aparência de projeto no universo, não é necessário conseguir explicar o projetista.

Segundo, Dawkins pensa que, no caso de um projetista divino do universo, o projetista seja exatamente tão complexo quanto a coisa a ser explicada, e, por isso, não se faz nenhum avanço explicativo. Essa objeção levanta toda espécie de questões acerca do papel que a simplicidade representa na avaliação de explicações rivais — por exemplo, de que modo a simplicidade deve ser classificada em comparação com outros critérios, como capacidade explanatória, escopo explanatório, plausibilidade, e assim por diante. Se uma hipótese menos simples exceder as suas rivais em escopo e capacidade explanatórias, por exemplo, ela pode muito bem ser a explicação preferida, apesar do sacrifício da simplicidade.

Mas deixemos essas questões de lado. O erro fundamental de Dawkins está na sua suposição de que um projetista divino seja uma entidade de complexidade comparável à do universo. Como mente incorpórea, Deus é uma entidade notavelmente simples. Como entidade imaterial, a mente não é composta de partes, e suas propriedades salientes, como autoconsciência, racionalidade e volição, são essenciais para ela. Em contraste com o universo contingente e diversificado, com todas as suas quantidades e constantes físicas inexplicáveis (mencionadas no quinto passo do argumento de Dawkins), [4] a mente divina é surpreendentemente simples. Com certeza, uma mente assim deve ter ideias complexas (considere-se, por exemplo, o cálculo infinitesimal), mas a mente propriamente dita é uma entidade notavelmente simples. É evidente que Dawkins confundiu as *ideias* dessa mente, que podem ser realmente complexas, com a *própria* mente, uma entidade incrivelmente simples. [5] Portanto, postular uma mente divina por trás do universo representa, de fato, o mais definitivamente possível, um avanço em simplicidade, por insignificante que isso pareça.

Outros passos do argumento de Dawkins também são problemáticos, mas acho que já se disse o suficiente para mostrar que seu argumento nada faz para minar a inferência de um projeto com base na complexidade do universo, para não falar do seu uso como justificativa de ateísmo.

Alguns anos atrás, meu colega ateu Quentin Smith coroou sem a menor cerimônia o argumento de Stephen Hawking contra Deus em *A Brief History of Time* [6] como “o pior argumento ateu da história do pensamento ocidental”. [7] Com o advento de *The God Delusion* [Deus, um delírio], acho que chegou a hora de aliviar Hawking da sua pesada coroa e reconhecer a ascensão de Richard Dawkins ao trono.

- [1]
- Publicado em português com o título *Deus, um delírio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). [N. do R.]
- Publicado em português com o título *Deus, um delírio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). [N. do R.]
- [2]
- Dawkins, *The God Delusion* (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 5.
- Dawkins, *The God Delusion* (Boston: Houghton Mifflin, 2006), 5.
- [3]
- Ibid., 157. Na verdade, ele imagina ter apresentado uma “contestação irrefutável” e “devastadora” da existência de Deus.
- Ibid., 157. Na verdade, ele imagina ter apresentado uma “contestação irrefutável” e “devastadora” da existência de Deus.
- [4]
- Também conhecido como o ajuste fino (ou sintonia fina) do universo para a vida. O otimismo expressado no passo (6) do argumento de Dawkins, concernente a encontrar uma explicação física para o ajuste fino cósmico, é, na realidade, totalmente desprovido de base e representa pouco mais do que a fé de um naturalista. Para a discussão do argumento do projeto a partir do ajuste fino das constantes e

quantidades da natureza, veja-se William Lane Craig, *Reasonable Faith*, 3.ed. (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 157-179 [publicado em português com o título *Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2012].

- Também conhecido como o ajuste fino (ou sintonia fina) do universo para a vida. O otimismo expressado no passo (6) do argumento de Dawkins, concernente a encontrar uma explicação física para o ajuste fino cósmico, é, na realidade, totalmente desprovido de base e representa pouco mais do que a fé de um naturalista. Para a discussão do argumento do projeto a partir do ajuste fino das constantes e quantidades da natureza, veja-se William Lane Craig, *Reasonable Faith*, 3.ed. (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 157-179 [publicado em português com o título *Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2012].
- [5]
- A sua confusão fica evidente quando ele se queixa: “Um Deus capaz de monitorar e controlar continuamente a condição individual de cada partícula no universo *não pode* ser simples [...] Ainda pior (do ponto de vista da simplicidade), os demais recônditos da gigantesca consciência de Deus estão simultaneamente preocupados com os feitos, as emoções e as orações de cada ser humano individualmente — e com todos os alienígenas inteligentes que possam existir nos outros planetas nesta e em cem bilhões de outras galáxias” (*God Delusion*, 149). Esse raciocínio confunde Deus com aquilo em que Deus está pensando. Dizer que Deus, como entidade imaterial, é extraordinariamente simples não é endossar a doutrina de Aquino segundo a qual Deus é logicamente simples (rejeitada por Dawkins na página 150). Deus pode ter propriedades diversas sem ter o tipo de complexidade da qual fala Dawkins, qual seja, “heterogeneidade de partes” (ibid., 150).
- A sua confusão fica evidente quando ele se queixa: “Um Deus capaz de monitorar e controlar continuamente a condição individual de cada partícula no universo *não pode* ser simples [...] Ainda pior (do ponto de vista da simplicidade), os demais recônditos da gigantesca consciência de Deus estão simultaneamente preocupados com os feitos, as emoções e as orações de cada ser humano individualmente — e com todos os alienígenas inteligentes que possam existir nos outros planetas nesta e em cem bilhões de outras galáxias” (*God Delusion*, 149). Esse raciocínio confunde Deus com aquilo em que Deus está pensando. Dizer que Deus, como entidade imaterial, é extraordinariamente simples não é endossar a doutrina de Aquino segundo a qual Deus é logicamente simples (rejeitada por Dawkins na página 150). Deus pode ter propriedades diversas sem ter o tipo de complexidade da qual fala Dawkins, qual seja, “heterogeneidade de partes” (ibid., 150).
- [6]
- Publicado em português com o título *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- Publicado em português com o título *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- [7]
- Quentin Smith, “The Wave Function of a Godless Universe”, in *Theism, Atheism, and Big Bang Cosmology* (Oxford: Clarendon Press, 1993), 322.

- Quentin Smith, “The Wave Function of a Godless Universe”, in *Theism, Atheism, and Big Bang Cosmology* (Oxford: Clarendon Press, 1993), 322.